

DIVERSÕES NOS SUBÚRBIOS CARIOCAS: IDENTIDADES, REPRESENTAÇÕES E TENSÕES (1900-1930)

FUN IN THE CARIOCAS SUBURBS: IDENTITIES, REPRESENTATIONS AND AND TENSIONS (1900-1930)

Nei Jorge Santos Junior¹

Endereço Profissional: Rua Baster Pilar, 500
Parque Hotel
28970000 - Araruama, RJ - Brasil
E-mail: edfnei@hotmail.com

Resumo: Nos últimos anos, a produção acadêmica sobre temas relacionados à cidade aumentou de modo significativo, buscando não somente apresentá-la, como também analisá-la sob múltiplas formas. Por essa razão, o estudo tem como objetivo compreender as relações sociais estabelecidas em espaços de entretenimento nos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1900 a 1929, buscando analisar as representações e mecanismos de repressão criados pelos periódicos e pela polícia carioca, que não somente desqualificavam, como também estereotipavam as práticas de diversão da região arrabaldina. Para alcançar o desejado, foram utilizadas fontes de duas naturezas: atas de clubes e periódicos publicados no Rio de Janeiro, entre os anos de 1900 a 1929, período em que os jornais e a polícia teceram várias críticas às formas de diversão suburbana, buscando redefinir usos e costumes considerados inadequados aos padrões daquilo que se julgaria civilizado.

Palavras-chave: Subúrbios.
Representações. Imprensa.

Diversões.

Abstract: In recent years, academic production on city-related topics has increased significantly, seeking not only to present it, but also to analyze it in multiple forms. For this reason, the study aims to understand the social relations established in leisure spaces in the suburbs of Rio de Janeiro, between 1900 and 1929, seeking to analyze the representations and mechanisms of repression created by the periodicals and the Rio de Janeiro police, which not only disqualified, but also stereotyped recreation practices in the suburbs. To achieve the desired, sources of two natures were used: minutes of clubs and periodicals published in Rio de Janeiro, between 1900 and 1929, during which newspapers and police made various criticisms of forms of suburban entertainment, seeking to redefine customs and practices considered inappropriate to the standards of what would be considered civilized.

Keywords: Suburbs.

Recreation.

Representations. Press.

¹ Doutor pelo Programa Interdisciplinar em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), especialista em Educação Física Escolar pela Universidade Gama Filho (UGF) e graduado em Educação Física. Atualmente exerce a função de coordenador do curso de Licenciatura em Educação Física da FAC-Unilagos, atuando também nas disciplinas: Aspectos Históricos da Educação Física e Didática Aplicada à Educação Física. Na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) atuou como professor substituto, nas disciplinas Didática II e Estágio Supervisionado. Tem experiência nas áreas de História da Educação Física, esportes e Prática de Ensino. É pesquisador do grupo Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer (UFRJ) e do Laboratório de Comunicação e História (UNIRIO), atuando nas linhas de pesquisa: História Cultural do Esporte, Corpo, Subúrbios e História comparada das práticas corporais.

Introdução

Os caminhos delineados neste estudo são na direção de uma história cultural local, pois pretende-se, como sugere Pesavento,² entender a cidade como real, por meio de sua apreciação, ou de suas representações. Para que isso ocorra, torna-se necessário interpretá-la a partir de um novo prisma, distante dos olhares que estabelecem determinadas regiões como únicas protagonistas, notadamente quando nos debruçamos sobre os estudos das diversões nos séculos XIX e XX.

Isso significa que devemos pensar a diversão além das regiões com maior visibilidade e importância no cenário político-econômico nacional, ou seja, refletir sobre suas ações em espaços periféricos e suas múltiplas experiências com maior atenção.³ Trata-se de revelar os contrastes e as complexidades existentes, sejam em áreas urbanas ou suburbanas.

Nesse contexto, diferentes expressões de divertimentos presentes nesses territórios acabam preteridas e, conseqüentemente, contribuem para o processo de miopia, em que subjuga espaços considerados marginais a um *status* de coadjuvante. Esse quadro acaba ignorando a multiplicidade de práticas locais, dificultando não só a leitura sobre os desdobramentos do modo de adesão a parâmetros de modernidade, como também as particularidades do movimento de trânsito cultural.⁴

Por isso, as diversões cariocas não podem ser pensadas desarticuladas das ações sociais dos subúrbios, tampouco entendê-las ignorando a memória do mesmo. A condição histórico-concreta da cidade depende da conjectura de profusas faces da sociabilidade local. Em outras palavras, devemos lançar um olhar mais atento a esses “outros arranjos citadinos” e sua “apropriações e ressignificação de bens e representações”.⁵ Nessa perspectiva, pensar e discutir as diversões em sua totalidade passa por compreender as redes de sociabilidades existentes em áreas periféricas. No caso do Rio de Janeiro, reconhecer que havia diferentes formas de diversões além da região central e da zona sul carioca.

Isso porque na transição dos séculos XIX e XX, já eram muitas as iniciativas voltadas para a diversão nos subúrbios da cidade, as quais mereciam a cobertura dos

² PESAVENTO, S. J. *O imaginário da cidade*. Visões literárias do urbano. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1999.

³ MELO, V. A.; SANTOS JUNIOR, N. J. O esporte nos arrabaldes do Rio de Janeiro: o cricket em Bangu (1904-1912). *Movimento*, Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. 843-858, jul./set. de 2018.

⁴ MELO, V. A.; SANTOS JUNIOR, N. J. O esporte nos arrabaldes do Rio de Janeiro: o cricket em Bangu (1904-1912). *Movimento*, Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. 843-858, jul./set. de 2018.

⁵ MELO, V. A.; SANTOS JUNIOR, N. J. O esporte nos arrabaldes do Rio de Janeiro: o cricket em Bangu (1904-1912). *Movimento*, Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. 843-858, jul./set. de 2018, p.844.

principais órgãos da imprensa carioca.⁶ Nesses espaços, festejavam homens e mulheres coletivamente, em áreas espalhadas por diferentes bairros, produzindo uma infinidade de práticas, linguagens e costumes. Através delas, podemos desvendar teias de sociabilidade expressivas nas disputas por legitimidade e na atribuição de significados, analisando as tensões latentes sob os sentidos e representações de diversão à moda suburbana. Por isso, temos como objetivo deste trabalho compreender as relações sociais estabelecidas em espaços de divertimento nos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1900 a 1929, buscando analisar as representações e mecanismos de repressão criados pelos periódicos e pela polícia carioca, que não somente desqualificavam, como também estereotipavam as práticas de diversão da região arrabaldina.

Quanto ao uso do material analisado, foram utilizadas fontes de duas naturezas: atas de clubes e periódicos publicados no Rio de Janeiro, entre os anos de 1900, momento em que as colunas de entretenimento começaram a oferecer maior espaço às sociedades suburbana, e 1929, em que há uma transformação no cenário cultural carioca, ainda que discursivamente, no que concerne ao status adquirido pelas práticas populares por conta do samba. Todavia, vale destacar que no período em tela, os jornais e a polícia teceram várias críticas às formas de diversão suburbana, buscando redefinir usos e costumes considerados inadequados aos padrões daquilo que se julgaria civilizado.

Diversões à moda suburbana: representações e estereótipos

As primeiras décadas do século XX expõem representações que associam bairros suburbanos à marginalidade e à violência.⁷ Talvez não seja exagero pensar que o conceito de “subúrbio” tenha adquirido um significado próprio na cidade do Rio de Janeiro. Como mesmo sustenta Oliveira⁸, ele ultrapassa a etimologia da palavra e o sentido geográfico do termo e não se refere, necessariamente, a um bairro ou região localizada longe do centro. Caracteriza muito mais por uma identidade, uma cultura e uma vida com peso ideológico muito forte, retratado como espaço de pessoas simplórias, trabalhadores pobres, não modernos, precarizados e imersos na violência da cidade. E, por essa razão, seus espaços foram com frequência representados como territórios das “classes perigosas”, potencializados pelos principais periódicos da cidade.

⁶ SANTOS JUNIOR, N. J. Olavo Bilac e as Diversões Suburbanas: A Projeção de uma Geografia Moral Carioca (1904-1906). *Revista Licere*, v. 20, p. 350-371, 2017.

⁷ SANTOS JUNIOR, N. J. Olavo Bilac e as Diversões Suburbanas: A Projeção de uma Geografia Moral Carioca (1904-1906). *Revista Licere*, v. 20, p. 350-371, 2017.

⁸ OLIVEIRA, M. P. de, FERNANDES, N.N. (orgs.). *150 anos de subúrbio carioca*. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj: EdUFF, 2010.

Para Santos Junior⁹, havia uma campanha sistemática de estigmatização de valores e normas comportamentais, que refletiam na legitimação das ações de repressão realizadas pela força policial e nas folhas dos principais jornais da cidade. Tratava-se de uma narrativa que enxergava nas práticas corporais populares ações de violência e desordem, no qual, Sevcenko¹⁰, subdivide em três pontos: a condenação dos hábitos relacionados à cultura popular, o deslocamento da população pobre do centro da cidade e a promoção de um cosmopolitismo agressivo.

Certamente, esses três itens estão presentes em diversos jornais da cidade. Vejamos, em janeiro de 1920, a crônica publicada pelo O Paiz, quando assim narrou, sob o título “bailes e pancadarias”, os festejos dos Fenianos de Cascadura.

Cascadura também tem o seu clube carnavalesco. Fica ali para os lados do largo desse nome e tem pomposo nome de “Club dos Fenianos”.

É um prazer aos sábados ver a gente os sócios e as sócias solenemente penetrarem na sede do “clubio”, tresandando a Jicky¹¹, os cavalheiros com os lenços ao pescoço, para pouparem os colarinhos, e as damas muito eretas dentro de uns vestidos berrantes trepadas em seus saltos deste tamanho e aqueles tradicionais laços e fitas, enormes, pousados nos cabelos, qual borboletas...

E o barulho? Ah! O barulho...

Aquilo chega a ser ato inferno, na hora das contradanças, não só descasca o trombone como o bombo concorre heroicamente para a insônia da vizinhança, enquanto que uma clarineta – ah! A clarineta...que parece fabricada de caixa de batata, desacompanha os outros instrumentos, todos com protesto. E, quando eles roncam, os pares, suarentos, num arrasta-pé enervante, fazem a volta do salão, sorridentes, segredando-se coisas...¹²

Muito além do sarcasmo presente do início ao fim da narrativa, algo comum quando se tratava das práticas corporais populares¹³, o cronista endossa as representações de barbárie e violência, cristalizando sua visão de mundo, impregnado por estigmas que desqualificam todos que ali frequentavam. Isso significa que independente dos desdobramentos e do contexto em que a violência ocorria, não havia dúvidas; eram representados como malandros, vadios e prostitutas, que utilizavam vestimentas vulgares, perfumes de baixa qualidade e gosto duvidoso para música.

⁹ SANTOS JUNIOR, N. J. Diversão à moda suburbana: repressão, tensão e violência (1900-1923). *Revista Licere*, v. 22, p. 167-187, 2019.

¹⁰ SEVCENKO, N. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

¹¹ Alusão ao perfume usado por pessoas com alto poder de compra, lançado em 1889 por Aimé Guerlain, filho do perfumista Pierre-François-Pascal Guerlain.

¹² O PAIZ, 19 jan. 1920, p. 6.

¹³ Ver: SANTOS JUNIOR, N. J. *A construção do sentimento local: o futebol nos arrabaldes de Andaraí e Bangu (1914-1923)*. 2012. 126f. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

Dessa forma, seria ingênuo pensar a construção ideológica de “classes perigosas” análoga à noção de “classes pobres” como uma simples eventualidade, tampouco circunscrita somente a um problema específico de desordem social. Pelo contrário, passa, sobretudo, na forma de compreender a pobreza como doença moral, social e epidemiológica de vícios, que é passada de geração a geração através dos modos de vida e dos “males” destas “classes”. Como lembra Moscovici, a representação social desponta no momento em que existe ameaça para a identidade coletiva, quando o conjunto de conhecimentos submerge as regras que a sociedade se outorgou.¹⁴

Outro ponto que chama a atenção, refere-se ao “barulho” produzido pelos encontros. Mais do que discutir a qualidade dos instrumentos que tomavam os bailados, o texto lança um olhar sobre as representações construídas sobre os modos de organização dos espaços de diversão suburbanos, desde os materiais musicais utilizados, passando pelos espaços que traduziam formas de sociabilidade, até a própria maneira de produção e reprodução simbólica dos artistas e frequentadores. Aliás, esses personagens ganham máculas no texto do autor, pois à medida que apresenta e repreende seus costumes, prospecta um cenário estigmatizado do universo cultural local.

Esses estigmas e estereótipos mostram-se ainda mais evidentes quando o autor, constituído por suas representações sociais, sendo elas referencial básico de sua orientação, analisa o restante do evento:

E agora, que o carnaval não está longe, os bailes ali são concorridíssimos, e a gente de todos os matizes que lá penetra não tem amor aos 1\$100 que tem de deixar cá em baixo, na porta, com um dos membros da diretoria, como “taxa de franquia”. O de ontem, então, nem se fala. O salão estava repleto e os pares mal se podiam mover, e quando o mestre da música anunciou o “Macaco é outro”, houve um reboição enorme na sala, Os homens procuraram as damas e se colocaram a espera dos acordes para romperem a polka com passa certo. Um dos dançarinos, Raul Cabral, ao voltar-se para apanhar um lenço que caíra ao chão, pisou um dos calos de Maria da Conceição, que ficou logo “velde” e deu-lhe um empurrão.

O Raul, como única resposta, deu-lhe vários socos e a retirada dos turcos, em Constantinopla, cremos, foi feita com menos desordem com a balburdia de gritos e protestos que ali reinava, acudiu a polícia do 20º distrito, que prendeu o agressor em flagrante.

A vítima, que ficou com o vestido e o rosto amarrotados, foi medicada pela Assistência.

Raul, que é casado e reside à rua D. Luiz n.38, foi autuado, e o Dr. Coelho Gomes, delegado do distrito sabendo que naquele clube se cobrava entrada, oficiou ao chefe de polícia pedindo a cassação da sua licença.¹⁵

¹⁴ MOSCOVICI, S. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. 2.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.

¹⁵ O PAIZ, 19 jan. 1920, p. 6.

Independentemente de serem “concorridíssimos”, com “gente de todos os matizes”, algo que indica o sucesso do baile entre os populares, a festa não poderia ter, aos olhos do cronista, maiores atrativos. Ademais, a lotação do baile “suarento”, a cobrança de entrada e a “balburdia que ali reinava”, revelam as concepções da imprensa no que diz respeito aos arrasta-pés dançantes nos bairros da zona suburbana. Percebe-se que as atribuições produzidas pelo cronista perpassavam pela objetividade e subjetividade, isto é, revelavam a diversão suburbana não só como síntese desordeira, mas também como espaço de consonância cultural marginal, capaz de fundir os mais diversos ritmos e etnias.

De forma geral, os jornalistas difundiram em suas narrativas conteúdos e ideias fundamentalmente elitistas. Na matriz dessa produção - ora oposicionista, ora abertamente conservadora - está o próprio desmembramento entre os intelectuais e a realidade nacional-popular, uma segmentação posta e repostada por condicionamentos objetivos de nossa composição histórica e social.¹⁶ Um exemplo dessa percepção segmentada pode ser assimilada através das crônicas de Olavo Bilac, já que o autor parnasiano constituía o recorte social como referencial básico de sua orientação.

Entusiasta do cosmopolitismo, o autor acreditava que as questões do cotidiano refletiam para um melhor desenvolvimento social da população. Dessa forma, suas análises não estavam restritas as melhorias na infraestrutura, mas, sobretudo, a higienização das práticas de diversão dos estratos mais pobre da cidade carioca. Vejamos como Olavo Bilac utilizou-se de seus escritos como recurso para convencer e mobilizar a opinião pública em favor do moderno.

Sei bem que atacar as tradições (e principalmente as tradições religiosas) é um ato de ousadia. Essas tradições são para quase toda a gente tão invioláveis e sagradas como aquele prestigioso Zaïmph, manto da deusa Tanit, e paládio de Cartago, no qual ninguém podia tocar sem cair fulminado...

Pouco importa. Há tradições grosseiras, irritantes, bestiais, que devem ser impiedosa e inexoravelmente demolidas, porque envergonham a civilização.

Uma delas é esta ignóbil festa da Penha, que todos os anos, neste mês de outubro, reproduz no Rio de Janeiro as cenas mais tristes das velhas saturnais romanas, transbordamentos tumultuosos e alucinados dos instintos da gentilha. Ainda este ano, a festa foi tão brutal, tão desordenada, e assinalada por tantas vergonhas e por tantos crimes, que não parecia um folguedo da idade moderna, no seio de uma cidade civilizada, mas uma daquelas orgias da idade antiga ou da idade média, em que triunfavam as mais baixas paixões da plebe e dos escravos.¹⁷

¹⁶ COUTINHO, C.N. *Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

¹⁷ BILAC, Olavo. *Crônicas*. Kosmos, ano III, n.10, outubro de 1906, p.2.

Consciente que manifestar-se contrário aos festejos religiosos seria um ato de ousadia, Bilac não recuou. Para ele, “a ignóbil festa da Penha”, que se tornara um canal de comunicação privilegiado entre diversos segmentos sociais, sobretudo pelo número de negros, operários, capoeiras e músicos, nada acrescentaria as novas aspirações cidadinas. Na medida em que o autor convida o leitor a naturalizar as representações de violência e barbáries associadas aos diferentes divertimentos populares, Bilac deixa claro a intenção em redefinir os usos e costumes considerados inadequados aos padrões daquilo que se julgaria civilizado. Afinal, como bem esclarece Rachel Soihet¹⁸, no cenário defendido pelo cronista, alicerçado na razão e na ciência, as crenças e práticas populares constituíam-se em manifestações de atraso e ignorância, nas quais traduziam o epílogo de uma cidade que não se alinhava aos valores da modernidade e deveriam ser expurgadas. Dessa forma, atentemos ao restante da crônica:

E devo confessar que nunca a Festa da Penha me pareceu tão bárbara como este ano. E que esses carros e carroções, enfeitados com conchas de chita, puxados por muares ajazados de festões, e cheios de gente ébria e vociferante, passeando pela cidade a sua escandalosa bruéga; esses bandos de romeiros cambaleantes, com o chapéu esmagado ao peso das roscas, e o peito cheio de medalhas de papel, e beijando a efigie da Senhora da Penha com os beijos besuntados de zurrapa; esse alarido, esse tropel de povo desregrado; – todo esse espetáculo de desvairada e bruta desordem ainda se podia compreender no velho Rio de Janeiro de ruas tortas, de estreitas escuras de becos sórdidos. Mas no Rio de Janeiro de hoje, o espetáculo choca e revolta como um disparate... Num dos últimos domingos vi passar pela Avenida Central um carroção atulhado de romeiros da Penha: e naquele amplo boulevard esplendido, sobre o asfalto polido, entre as fachadas ricas dos prédios altos, entre as carruagens e os automóveis que desfilavam, o encontro do velho veículo, em que os devotos bêbedos urravam, me deu uma impressão de um monstruoso anacronismo: era a ressurreição da barbaria, – era a idade selvagem que voltava, como uma alma do outro mundo, vindo perturbar e envergonhar a vida da idade civilizada...[...]
Ir à Penha é caminhar para o martírio!¹⁹

De fato, além da entonação emotiva ao se referir à barbárie que tomava conta da festa no ano referido, percebe-se, que em nenhum instante, Bilac estabelece elementos para captar a dimensão do festejo como uma expressão legítima da cultura popular carioca. Pelo contrário, tinha como objetivo contrapor o componente religioso do evento à metáfora da tristeza subsequente à comemoração profana. Em outras palavras, o contrassenso entre diversão e tristeza se desdobraria no esvaziamento do valor social da tradicional festa religiosa.

¹⁸ SOIHET, R. Um debate sobre manifestações culturais populares no Brasil: dos primeiros anos da República aos anos 1930. *Trajetos Revista de História UFC*, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 11-36, 2001.

¹⁹ BILAC, Olavo. Crônicas. Kosmos, ano III, n.10, outubro de 1906, p.2.

Carregado de adjetivos, na tentativa de construir uma imagem pejorativa para tais manifestações, Olavo Bilac manuseava criteriosamente as terminologias utilizadas. Ao servir-se de expressões como “abomináveis”, “grosseiras”, “irritantes”, “bestiais”, “vício” ou “indecência” o literário fundamentava sua narrativa em estigmas e representações pejorativas, as quais considerava comuns ao dia a dia dos segmentos menos abastados da cidade. Também é possível notar a utilização de alguns contrastes da cidade na primeira década do século XX: o velho e bárbaro — carroções enfeitados com tecido barato, puxados por burros arreados com flores e folhagens entrelaçados com fitas e carregando gente embriagada — e o novo, civilizado e moderno — a bela Avenida Central, maior símbolo dessa metropolização, a passarela de asfalto polido, com fachadas ricas dos prédios altos e automóveis que desfilavam sua beleza. Além disso, como já visto anteriormente, Bilac também “associa” essa gente incivilizada à violência. Nas palavras do poeta parnasiano, ir à festa da Penha seria “caminhar para o Martírio!”.²⁰ Mais do que isso, “ir à Penha é afrontar mil vezes a morte, — porque todos os desordeiros da cidade se encontram ali, nos quatro domingos da clássica festa, e transformam o arraial numa arena, em que se travam batalhas sangrentas”.²¹ Aos olhos do autor, a cidade deveria ser civilizada e moderna.²² Dessa forma, os trabalhadores de baixa renda não poderiam coabitar esses espaços, pois a civilização estaria ligada aos hábitos europeizados, distante das práticas de diversão vivenciadas por representantes de uma camada social desfavorecida.

De fato, Bilac expunha a ambiguidade de quem experimenta o próprio processo de metamorfose, fomentando uma modernização estabelecida através de uma intensa distinção hierárquica, na tentativa de assegurar prerrogativas de classe no universo urbano. Embora ojerizada em seus escritos, as práticas populares representavam, além de festas e celebrações, momentos de ruptura e transgressão, pois estabeleciam novas manifestações identitárias, não somente por diferentes performances, mas, sobretudo, por novas políticas culturais e diferentes estratégias de consumo. E por isso, enquanto porta-voz da modernidade, o autor impulsionará valores sociais próprios de uma elite cidadina, corroborando um desejo de cidade profícua para os passeios fidalgos, a vida de requinte. Assim, a narrativa proposta pelo autor possibilitou a composição de um conjunto de “realidades sociais”, permitindo, cotidianamente, por conta do caráter eloquente do boletim mensal, filtrar e tratar os fatos a serem publicados. Vejamos como eram analisados os divertimentos em outros ambientes suburbanos.

²⁰ BILAC, Olavo. *Crônicas*. Kosmos, ano III, n.10, outubro de 1906, p.2.

²¹ BILAC, Olavo. *Crônicas*. Kosmos, ano III, n.10, outubro de 1906, p.2.

²² BILAC, Olavo. *Crônicas*. Kosmos, ano III, n.10, outubro de 1906, p.2.

A noite de 22 de maio de 1909 trouxe mais uma novidade de entretenimento em Bangu. A inauguração do botequim de Chico Porteiro, segundo A Imprensa, “o operário mais popular e mais querido entre os seus companheiros”, agitou a população da região, a qual adquiriria mais uma opção de diversão.²³ Para o entusiasmado cronista, o estabelecimento “pode rivalizar vantajosamente com seus congêneres da Capital federal, pois nele, além do gosto artístico aprimorado, encontram os fregueses o melhor café, as melhores bebidas e comedorias reparadas *à la minute*”.²⁴ Na avaliação do autor, o bairro, “dia para dia, vai num crescimento fantástico de melhoramentos e assim não duvidamos que, em época muito próxima, venha ser o *primus inter pares* de todos os subúrbios do Rio de Janeiro.”²⁵

De fato, Bangu crescia em número, sistematização e opções de divertimentos na transição dos séculos XIX e XX. Ao longo do texto foram mostrados alguns exemplos das múltiplas possibilidades de entretenimento na região, contrapondo a ideia de que a vida divertida estava circunscrita somente a um espaço da cidade do Rio de Janeiro. Dessa forma, é preciso considerar que esse espaço multifacetado, repleto de tensões, não teve nos clubes esportivos e agremiações dançantes suas únicas opções. Pelo contrário, veremos que iniciativas como as de Chico Porteiro, fossem pela abertura de botequins, quiosques ou até mesmo manifestações religiosas, contribuíram para o desenvolvimento do tempo livre dos trabalhadores, aspirando das mesmas complexidades dos clubes, entre elas: a repressão policial.

Não é à toa que o cronista ascendia o bairro ao posto de *primus inter pares* da zona suburbana. A expressão latina além de elucidar o desenvolvimento do bairro fabril também revela a heterogeneidade arrabaldina, mesmo que circunscrita a áreas específicas da região. Para Santos²⁶, essas contradições eram maiores nos centros mais povoados dos subúrbios, notadamente em áreas que circundavam as estações de trem da Central do Brasil e da Leopoldina, como os bairros do Méier, Engenho de Dentro, Realengo, Bangu, Campo Grande e Santa Cruz. Ali, segundo o ator, havia extratos sociais complexos, podendo encontrar não somente moradores de segmentos considerados classe média - profissionais liberais, comerciantes, trabalhadores de mão de obra especializada, funcionários públicos (civis e militares), como trabalhadores das camadas mais populares, como empregadas domésticas, agentes do comércio ambulante, operários, profissionais da área de serviços e

²³ A IMPRENSA, 23 mai. 1909, p. 4.

²⁴ A IMPRENSA, 23 mai. 1909, p. 4.

²⁵ A IMPRENSA, 23 mai. 1909, p. 4.

²⁶ SANTOS, L. S. A cidade está chegando: expansão urbana na Zona Rural do Rio de Janeiro (1890-1940). *Crítica Histórica*, Maceió, ano II, n. 3, p. 114-137, jul. 2011.

comércio – garçons, sapateiros, padeiros, motorneiros, *chofeurs*, barbeiros, policiais, guarda, entre outros.²⁷

É provável que alguns deles, talvez a maioria, trabalhassem não nos bairros próximos, mas sim, na região central da cidade. Contudo, esse elemento não se aplica ao bairro de Bangu, pois parte da população, mesmo após as primeiras décadas do século XX, trabalhavam na fábrica ou no aglomerado do Marco 6, espaço que concentrava vasta atividade comercial e de entretenimento local: botequins, quiosques, igrejas, vendas e clubes.

Certamente, a forma romanceada do artigo apresentado pela A Imprensa não traduz a opinião de boa parte dos cronistas responsáveis pelas colunas policiais da região suburbana. A própria Gazeta Suburbana, a qual se buscava produzir um jornal engajado na tentativa de “recrear, instruir e advogar os interesses suburbanos”²⁸ repudiou em 06 de novembro de 1919 as condições e o público que frequentava os quiosques de Bangu.²⁹

Existe em Bangu, como em geral nos subúrbios, um dos muitos e inúmeros quiosques, para qual chamamos a atenção da prefeitura e Polícia.

Não somos contra a liberdade de comércio, mas o que não pode nos admitir é a colocação de semelhantes trambolhos em lugares de trânsito, ou a linguagem que adota a freguesia dos mesmos.

Em Bangu, o quiosque além de atravancar a passagem, é ponto de reunião para toda a espécie de desocupado local.

Famílias que lia são obrigadas a transitar, vê-se na dura contingência, de ouvir as maiores obscenidades, proferidas por indivíduos momentaneamente irresponsáveis.

Achamos que enquanto a Prefeitura, não possa removê-lo, talvez a polícia possa moralizá-lo. O que não pode continuar, são as constantes ofensas a moral, que dali partem; famílias e transeuntes não podem continuar a mercê dos desocupados, que ali se reúnem.³⁰

A nota introdutória, diferente da anterior, expressa a natureza moralista típica das folhas policiais do período. Ela sinaliza claramente um esforço de estigmatização de uma das principais atividades de diversão entre os populares urbanos do sexo masculino. Tratava-se do simples bate papo do botequim, em volta de uma mesa ou encostado no balcão sujo do quiosque, tragando goles parati, café, cerveja ou algum vinho barato. Era naquele espaço que esses indivíduos tiravam suas horas de descanso, afogavam as mágoas na luta por melhores condições de vida e desalentavam seus corpos cansados pelas extensas horas de trabalho.

²⁷ SANTOS, L. S. A cidade está chegando: expansão urbana na Zona Rural do Rio de Janeiro (1890-1940). *Crítica Histórica*, Maceió, ano II, n. 3, p. 114-137, jul. 2011.

²⁸ GAZETA SUBURBANA, 15 dez. 1883, p. 1.

²⁹ GAZETA SUBURBANA, 06 nov. 1919.

³⁰ GAZETA SUBURBANA, 06 nov. 1919, p. 3.

Chamá-los de “desocupados” ou acentuar seus modos “ofensivos” mostra-se sintomático frente aos exemplos citados ao longo do trabalho. Percebe-se que essas representações se estenderiam praticamente por todas as ações desses moradores, fossem nos gramados de futebol, nos bailes de carnaval ou nos botequins suburbanos. Para endossar essa perspectiva, Chalhoub³¹ descortina esse tipo de associação, a qual caracteriza segundo o autor, “aquilo que a história na versão dos vencedores se empenha sempre em ocultar: a transição para a ordem burguesa na cidade do Rio de Janeiro no período foi um processo de luta, de imposições e resistências, e não um caminho harmônico, linear e tranquilo”.³²

Talvez não seja exagero compreender que o extenso leque de práticas de diversão nos subúrbios, destacando aquelas reunidas no interior das sociedades, tenha contribuído para uma tentativa, ainda que não explícita, de imputar novos hábitos que não eram compatíveis com aqueles considerados “honestos” e “morais” pela classe dominante.

Consciente que esse esforço não tenha tido o mesmo efeito e proporção comparado à repressão criada na região central, conseguimos identificar alguns indícios desse modelo, ainda que timidamente, no bairro operário. Um exemplo dessa manifestação movida por conta do excesso de álcool pode ser visto nas ações que se desdobraram por conta da confusão protagonizada pelo sócio Climaco Teixeira do Bangu A. C., durante um jogo entre o Esperança x Byron, em 17 de abril de 1917.

Ao que tudo indica, o Sr. Climaco Teixeira, “um tanto alcoolizado”, procurou por todos os meios, “promover desordens”, gritando, “em voz alta, palavras insultuosas”, sendo a custo, retirado do campo.³³ Diante de tamanha provocação, Benício de Oliveira, que também estava “alcoolizado”, sacou seu revólver ameaçando não só o provocador, mas também os Srs. Capitulino Tavares e Anasílio Bento.³⁴

Após longo debate, “a diretoria, em vista dos fatos expostos e tendo o sr. Benício de Oliveira solicitado demissão e sendo o seu procedimento sempre correto, resolveu apenas eliminar o Sr. Climaco Teixeira e conceder a demissão ao sr. Benício”.³⁵

O resultado da assembleia mostra-se, no mínimo, curioso, pois a “desordem” daquele dia não aconteceu nos gramados do Bangu Athletic Club. Por isso, as aplicações dos artigos 12 e 13 do estatuto, o qual cita os deveres dos associados: “conduzir-se com a máxima correção, quando uniformizados ou com o distintivo do *club* e quando estiverem no recinto

³¹ CHALHOUB, S. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. 2 ed. Campinas-SP: Universidade de Campinas - UNICAMP, 2001.

³² CHALHOUB, S. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. 2 ed. Campinas-SP: Universidade de Campinas - UNICAMP, 2001, p.257.

³³ *Acta da Sessão da Diretoria do Bangu Athletic Club* de 22 de junho de 1917.

³⁴ *Acta da Sessão da Diretoria do Bangu Athletic Club* de 22 de junho de 1917.

³⁵ *Acta da Sessão da Diretoria do Bangu Athletic Club* de 22 de junho de 1917.

deste”.³⁶ E, conseqüentemente, “os sócios que se desviarem dos deveres acima serão censurados pela diretoria e, na reincidência, suspensos ou eliminados”, não poderia ser aplicado.³⁷

Contudo, ao que parece, foram seus desdobramentos, que na avaliação dos sócios, colocavam em cheque a imagem da agremiação frente aos seus pares. Cabe lembrar que os estigmas de “violência” e “agressividade” foram cristalizados nos sócios e jogadores do clube, o que nos faz retomar o conceito de “aristocracia suburbana” criado por Lima Barreto.³⁸ Ali, estavam postos valores e normas que eram intrínsecos à região, da qual só teria sentido quando contrastados aos clubes e moradores do próprio bairro, pois aos olhos da imprensa ou da classe média do centro ou da zona sul, não haveria qualquer diferença das ações feitas durante os jogos da Liga.

As desordens provocadas por Climaco Teixeira não pararam na exclusão. Com uma vida ativa nos clubes da região, entre eles o Prazer das Morenas³⁹, ele ainda se envolveria em outro problema, desta vez, no “nefasto” caso de assassinato na Estrada do Murundu, na noite do dia 13 de agosto de 1918.

A vítima, a jovem Geraldina Corrêa, teve seu corpo atirado ao poço nos fundos da casa onde ocorreu o crime. Passados cinco dias, após intensa investigação e depoimentos, a polícia chegou ao paradeiro de três indivíduos suspeitos.

Entre os três acusados estava Climaco Teixeira, apelidado de “Neném”, 30 anos e viúvo, morador do lugar chamado “fazenda”, em Bangu.⁴⁰ Ao ser preso, Climaco se fez surpreso. Segundo o jornal, “tremeu todo e exclamou: – Eu bem que dizia eu estas ‘farras’ à noite davam mau resultado”.⁴¹

Em depoimento ao 25º distrito policial, “sem preâmbulos”, “Neném” afirmou que todos estavam bastante bêbados e que saíram à noite em busca de “orgia”.⁴² Ainda disse ser amigo de Bernadino, um dos antigos amantes de Georgina, e que nesta noite, após passagem por um botequim no Marco 6, fora convidado a uma “farra” nessa casa, conhecida também como “Casa Alegre”.⁴³ Lá, o amigo dizia que haveria outras mulheres, entre elas, Maria Branca, mas chegando ao local, após insistentemente bater à porta, ninguém atendeu.

³⁶ *Estatutos Bangu Athletic Club*, aprovados em Assembleia Geral realizada em 20 de abril de 1915, p.03.

³⁷ *Estatutos Bangu Athletic Club*, aprovados em Assembleia Geral realizada em 20 de abril de 1915, p.03.

³⁸ BARRETO, L. *Feiras e mafuás*: artigos e crônicas. São Paulo: Brasiliense, 1956.

³⁹ Fundado em 04 de março de 1909, com sede em Bangu, o Prazer das Morenas tinha como fins oferecer, em sua sede ou fora dela, festas carnavalescas e outras diversões. Ver: SANTOS JUNIOR, Nei Jorge. *A vida divertida suburbana: representações, identidades e tensões em um arrabalde chamado Bangu (1895-1929)*. Tese (Doutorado em Lazer) - Belo Horizonte:Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

⁴⁰ O PAIZ, 19 ago. 1918, p. 7.

⁴¹ O PAIZ, 19 ago. 1918, p. 7.

⁴² A NOITE, 18 ago. 1918.

⁴³ A NOITE, 18 ago. 1918.

Segundo o depoimento de Climaco, eles ouviram uma voz respondendo que Georgina não morava mais lá.⁴⁴ De acordo com o jornal, Geraldina tentou explicar a situação, dizendo que Georgina e Maria Branca não moravam mais ali.⁴⁵ A vítima, recém-casada, havia mudado há pouco tempo com o marido, que ficara fora do lar por quatro meses a trabalho. Mesmo assim, as informações não foram suficientes, segundo a folha, e a mulher foi morta.⁴⁶ Por fim, o comissário Odon convocou Maria Branca e Georgina para prestar esclarecimentos sobre o caso. Em depoimento, as duas confirmaram as relações com os três acusados, principalmente Bernardino, o qual fazia frequentes visitas a Georgina.⁴⁷

Descrito pelo jornal como “desocupado, ébrio costumeiro, atirado a valente, mal-encarado e provocador de desordens”, Climaco acabou condenado por 16 anos à Casa de Correção, junto com outros dois homens: Bernardino Gonçalves da Silva e Francisco Barbosa.⁴⁸ Contudo, ele fora absolvido em novembro de 1926, tendo, neste período, ficado cego na cadeia.⁴⁹ Por ser sócio fundador da sociedade recreativa “Prazer das Morenas de Bangu”, ocupando por anos a função de 1º secretário, passou a ser mantido com as arrecadações de alguns bailes a seu favor.⁵⁰

Alguns pontos merecem destaque. O primeiro deles são as opções de entretenimento que não estavam circunscritas aos bailes realizados nos clubes de Bangu. As “casas alegres” e os botequins, como os aqui citados, trazem espaços de diversão que até então não foram vistos ao longo do trabalho. E, por essa razão, dignos de análise.

A nefasta e trágica morte de Geraldina é um exemplo de que o leque de entretenimento transcendia as dependências das agremiações. A busca por “orgias” ou as reuniões nos botequins comprovam a nossa hipótese inicial, a qual considera que desde fins do século XIX uma vida noturna de diversões — marcada por segregações de classe e de gênero — era intensamente articulada em vários cantos da cidade do Rio de Janeiro. Ao que tudo indica diferentes bairros suburbanos apresentavam um cenário vivo e heterogêneo, onde trabalhadores de diferentes nacionalidades e funções buscavam desfrutar suas horas de tempo livre.

No caso citado, a própria figura da prostituta e a relação que esta possuía com as demais profissões das classes populares chama-nos a atenção. Muitas prostitutas residiam em bairros operários.⁵¹ Era comum que algumas trabalhadoras em geral complementassem

⁴⁴ A NOITE, 18 ago. 1918.

⁴⁵ A NOITE, 18 ago. 1918.

⁴⁶ GAZETA DE NOTÍCIAS, 18 ago. 1918.

⁴⁷ A NOITE, 18 ago. 1918.

⁴⁸ A NOITE, 18 ago. 1918; A NOITE, 19 ago. 1918, p.4.

⁴⁹ O PAIZ, 01 jul. 1926; CORREIO DA MANHÃ, 25 abr. 1926.

⁵⁰ JORNAL DO BRASIL, 29 out. 1926; JORNAL DO BRASIL, 02 de nov. 1926; O PAIZ, 06 nov. 1926.

⁵¹ ARANHA, P. M. *A Prostituição e o Contexto do Século XIX*. Núcleo de Estudos Contemporâneos (UFF), 2005.

seus baixos salários prestando serviços sexuais em pequenos espaços.⁵² Não temos pistas se este era o caso de Georgina ou Maria Branca, mas acende a possibilidade para futuras investigações.

De maneira geral, aos olhos da imprensa e do poder público, as diversões suburbanas não apresentavam indicadores alinhados ao princípio civilizatório. Como revela Caulfield⁵³, os discursos sobre a decência e a moralidade estavam profundamente ligados ao projeto republicano, que não só figuravam as principais páginas da imprensa carioca, como também determinavam um referencial de sociedade, em que civilização e progresso estavam diretamente ligados à defesa da honra. A partir desses pressupostos, a “civilização” carioca dependeria da propagação de um cosmopolitismo agressivo, implementado por uma política rigorosa de regulamentação dos hábitos populares. Para Santos Junior e Melo⁵⁴, uma tentativa pedagógica de disciplinar as classes populares por meio das diversões.

Todavia, essas experiências envolviam tensões, em que a população pobre da cidade não deixava de disputar o espaço urbano com as elites. Pechman e Fritsch⁵⁵ apontam que essa luta se deu por diversas maneiras: por meio de motim, da desobediência às leis, do proselitismo de seus valores. Em outras palavras, a população continuou a praticar hábitos proibidos e a circular em áreas nas quais sua presença não era benquista, mostrando assim o seu inconformismo diante da repressão que as elites ambicionavam. Vejamos a notícia publicada pelo Correio da Manhã em junho de 1901, descrevendo o cotidiano de um botequim suburbano:

Chama a atenção

Para um botequim da rua d. Anna Nery, esquina da rua conselheiro Magalhães Castro, ponto de reunião de uma corja de desordeiros, ébrios e gatunos, os quais ali promovem grande algazarra à noite trazendo em constante sobressalto as pessoas que tem a infelicidade de residir perto de tal lasca.

O dono da bodega, um pobre velho, não pode manter o sossego em sua casa por temer ser vítima dos acelerados, pois conhece muito bem seus fregueses...

Acreditamos que o sr. Delegado da 12^o circunscrição tome consideração esta reclamação.⁵⁶

⁵² ARANHA, P. M. *A Prostituição e o Contexto do Século XIX*. Núcleo de Estudos Contemporâneos (UFF), 2005.

⁵³ CAULFIELD S. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro, 1918-1940*. Campinas, Ed. da UNICAMP, 2000.

⁵⁴ SANTOS JUNIOR; MELO, V. A. Violentos e desordeiros: representações de dois clubes do subúrbio na imprensa carioca (década de 10). *Rev. bras. educ. fís. esporte* [online]. v.27, n.3, p.411-422, 2013.

⁵⁵ PECHMAN, S.; FRITSCH, L. A reforma urbana e seu avesso: algumas considerações a propósito da modernização do Distrito Federal na virada do século. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Marco Zero, v. 5, n. 8/9, set.1984/abr.1985, p. 139-195.

⁵⁶ CORREIO DA MANHÃ, 17 jun. 1901, p.2.

Mais do que divulgar a suposta “algazarra” na “bodega”, a narrativa associa o ambiente de diversão à marginalidade, ilustrando a figura dos frequentadores como “desordeiros, ébrios e gatunos”.⁵⁷ Dessa forma, o cronista constrói representações estereotipadas sobre o espaço, caracterizando-o como ambiente de conflitos, crimes e vadiagem. Vejamos outro exemplo, desta vez no bairro de Engenho de Dentro:

os desordeiros e vagabundos da zona pertencente a 1ª suburbana fizeram o seu quartel general no botequim nº 73 da rua Dr. Manoel Victorino, no Engenho de Dentro. São inúmeras as cenas vergonhosas que se dão ali e para as quais a polícia tem se mostrado impotente ou... condescendente. Ontem, à noite, tiveram forte alteração naquele estabelecimento Alfredo da Costa Moreira, morador à Estrada Real de Santa Cruz n.48, e Antonio de tal, vibrando este uma cacetada no seu contendor, confundindo-lhe bastante o rosto. Do fato teve conhecimento a autoridade da 1º suburbana. Vejamos agora se o respectivo delegado se digna de coibir tais abusos.⁵⁸

Percebe-se que determinados adjetivos fazem parte da narrativa quando o assunto é diversão suburbana. Configurava-se, desse modo, uma espécie de convite a que os leitores naturalizassem seus olhares as imagens de violência e barbáries. Ademais, percebe-se o constrangimento em relação ao botequim destituído de brilho e civilidade, longe dos festejos modernos tão propagados pela grande imprensa. Na avaliação de Santos Junior⁵⁹, esse movimento, em que se institui uma nova ordem social, sustenta que as formas de diversão deveriam seguir a ideia de progresso, desassociada dos tumultos dos povos e das agitações sociais. Para o autor, os jornais utilizavam mecanismos simples; funcionavam como uma espécie de campanha de modernização da festa, isto é, por meio de notas e editoriais, os principais periódicos reprovavam as bagunças promovidas pelos bares, a barulheira das festas e os bailados promovidos pelas pequenas sociedades suburbanas.⁶⁰

De fato, o episódio no bairro de Engenho Novo nos permite compreender indicadores significativos sobre as formas de diversão dos diferentes grupos suburbanos. As notícias relacionadas à violência e à agressão eram corriqueiras na região, principalmente aquelas interligadas ao uso do álcool em botequins, que, na maioria das vezes, eram utilizadas como justificativa para intensificar a repressão e, ao mesmo tempo, expor a necessidade de higienização e saneamento desses espaços. Para Chalhoub⁶¹, a questão do

⁵⁷ CORREIO DA MANHÃ, 17 jun. 1901, p.2.

⁵⁸ CORREIO DA MANHÃ, 26 mai. 1901, p.2.

⁵⁹ SANTOS JUNIOR, N. J. Diversão à moda suburbana: repressão, tensão e violência (1900-1923). *Revista Licere*, v. 22, p. 167-187, 2019.

⁶⁰ SANTOS JUNIOR, N. J. Diversão à moda suburbana: repressão, tensão e violência (1900-1923). *Revista Licere*, v. 22, p. 167-187, 2019.

⁶¹ CHALHOUB, S. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. 2 ed. Campinas-SP: Universidade de Campinas - UNICAMP, 2001.

botequim mostra-se complexa pois, ao contrário do quiosque, ele é um lugar interno e espaçoso, onde se encontram não só o dono e seus caixeiros e fregueses, mas também as mesas, as cadeiras e estoque de mercadorias do proprietário.⁶² Dessa forma, era de suma importância zelar pela ordem em seu estabelecimento, do contrário, poderia ver ameaçada a integridade do capital investido.

Por isso, não são poucos casos de conflitos gerados entre esses personagens. Restringir os hábitos de conversar em alto e bom som, fora aqueles que tentavam ludibriar o pequeno comerciante no momento de “acertar as contas”, só torna ainda mais explícito o antagonismo entre o pequeno proprietário e seus fregueses, transformando esse primeiro num “aliado mais efetivo da força policial na vigilância contínua que se quer exercer sobre os homens pobres das áreas urbanas e suburbanas da cidade do Rio de Janeiro”.⁶³ Vejamos um novo caso, desta vez por falta de pagamento.

Em 22 de janeiro de 1912, o Correio da Manhã trouxera em suas páginas uma nota sobre o conflito entre o caixeiro Jorge Elias e o freguês Guilherme Rosa, morador de Bangu.⁶⁴ De acordo com a folha, ao passar dos meses, após ter a “infelicidade de vender fiado ao freguês”, Elias resolveu procurar o devedor, pois não recebera qualquer quantia por esse tempo.⁶⁵ Ao avistar o caixeiro, Guilherme retrucou com ele, o agredindo à facada, fazendo-lhe um ferimento nas costas. O agressor foi levado ao 25º distrito, sendo o ferido encaminhado ao exame de corpo de delito.⁶⁶

Se pensarmos nos casos já mostrados, os confrontos não seriam novidade no cotidiano suburbano. Afinal, a prática era frequente nas páginas policiais dos principais jornais da cidade. Todavia, atentando ao número de ocorrências, elas mostram que havia um leque de opções de diversões na região, desmitificando a falsa ideia de que a zona sul e o centro eram os principais pontos de entretenimento carioca. Percebe-se, que independente do espaço ou, até mesmo para os trabalhadores de menor renda, era possível divertir-se nos arrabaldes citadinos. Fossem nos bailados dos pequenos clubes dançantes, nas festas de rua, botequins ou jogos de futebol havia um grande número de frequentadores suburbanos que imprimiam, através dessas práticas, múltiplas formas de compreender os *modus operandi* citadino.

⁶² CHALHOUB, S. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. 2 ed. Campinas-SP: Universidade de Campinas - UNICAMP, 2001.

⁶³ CHALHOUB, S. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. 2 ed. Campinas-SP: Universidade de Campinas - UNICAMP, 2001, p.260.

⁶⁴ CORREIO DA MANHÃ, 22 jan. 1912.

⁶⁵ CORREIO DA MANHÃ, 22 jan. 1912.

⁶⁶ CORREIO DA MANHÃ, 22 jan. 1912.

Conclusão

A partir das colocações apresentadas ao longo do texto, foi possível destacar a dificuldade em produzir qualquer consideração sobre as representações de desordem e violência sem relacioná-las aos esforços de controle e disciplinarização do tempo livre dos segmentos mais populares da região arrabaldina. Ainda que fossem evidentes esses esforços, não bastante, as narrativas acabaram por elucidar as experiências ausentes nas representações sobre diversão na cidade do Rio de Janeiro, mostrando que, longe de qualquer perspectiva de unicidade, a diversão suburbana era composta por práticas múltiplas e díspares, longe da imagem homogênea em geral utilizada para representar a região.

Assim, poderia, talvez, ser incongruente com os pressupostos até então apresentados, caso fizesse uso de uma análise simples sobre reprodução de preconceitos e estigmas. Entretanto, como já fora sinalizado, o contexto multifacetado dos subúrbios é complexo e, por isso, acreditamos que isso não deva ser menosprezado.

Logo, não seria à toa que a identificação dos moradores de diferentes bairros suburbanos sejam representados como “desordeiros”, “agressivos”, “violentos” e “vagabundos” em vários veículos da grande imprensa, sendo pelas mais variadas colunas que tratavam sobre entretenimento – fossem elas sobre carnaval, dança ou esportiva –, tenha sido enunciada como coincidência. Pelo contrário, havia um projeto de redefinir os modos e costumes das classes populares, utilizando, as formas de diversão como instrumento de ordenação e disciplinarização. Desta forma, independente do espaço de diversão, os subúrbios tinham um jeito particular de viver e se divertir.

Recebido em 20 de outubro de 2019

Aceito em 28 de maio de 2020